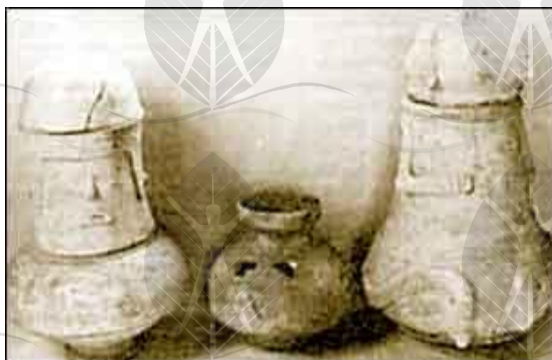


Urucurituba (Walter C. Rocha)




Em 1969 realizou-se o I Festival Norte do Cinema Brasileiro. Macunaíma, de Joaquim Pedro de Andrade, foi considerado o melhor filme. Na sessão de encerramento, um senhor de 82 anos, desconhecido pelos artistas que

estavam em Manaus, subiu ao palco do cinema Odeon para receber um troféu. Silvino Santos, o pioneiro do cine-documentário no Amazonas, estava sendo homenageado. Depois de longos anos de esquecimento, finalmente o grande fotógrafo e genial pioneiro do cinema passava a ser conhecido pelo jovem público brasileiro.

A Bacia Amazônica, com uma área superior a 7 milhões de Km², desde 5 séculos vem sendo gradativamente ocupada por povos da civilização ocidental, que obtiveram êxito principalmente por sua superioridade tecnológica sobre as inúmeras sociedades que ali habitavam já há milhares de anos e que desde então passaram a ser dizimadas pelos novos invasores.

As culturas Pré-Colombianas, não sendo originadas na região e com um arsenal técnico simples, tiveram que se adaptar às diversas condições ecológicas, nem sempre com sucesso. Os deslocamentos das populações de um nicho ecológico a outro eram feitos forçosamente, na tentativa de sobreviverem, pois as fontes de subsistência eram modificadas pelas variações climáticas e geológicas, que implicam diretamente na necessidade de novas adaptações por parte da fauna e da flora, de acordo com as leis biológicas que regem a vida, e que o homem em algumas ocasiões torna-se apto a contornar, em parte. Portanto, muitas culturas extinguíram-se, outras sobreviveram e uma poucas conseguiram desenvolver-se tecnologicamente.

Amazônia, um termo genérico, pois não constitui uma unidade, mas uma



variação das múltiplas expressões do clima, fauna, flora, geomorfologia, etc., ainda hoje nem sequer foi catalogada, apesar de estar sendo estudada sistematicamente durante os últimos 200 anos por especialistas dos mais diversos ramos científicos, com o resultado de que o que se conhece é percentualmente insignificante em relação ao que ainda precisa ser urgentemente desvendado, pois o tempo que resta para isso é cada vez menor, o que implica na redução em escala geométrica da oportunidade de que os recursos naturais da Amazônia sejam aproveitados de forma racional, sendo eles esgotáveis, já que o ferramental tecnológico que vem sendo usado, inventado para outras regiões com características bem distintas, quando ali aplicadas perdem-se na incapacidade de assegurar um nível normal de rendimento econômico, além de ocasionar a mutilação e a devastação do meio ambiente, de forma irreversível, desperdiçando-se, assim, uma oportunidade de melhorar as condições de vida das populações humanas, hoje tão carentes.

Nestes milhares de anos de sobrevivência destas culturas predecessoras na Amazônia, muito foi conseguido no sentido de uma abrangente e profícua interrelação com o meio ambiente, aproveitando seus recursos e infringindo em resposta poucos danos e mesmo que seu instrumental não seja comparável ao disponível atualmente, muito pode-se aprender com eles a esse respeito.

Para tanto, tem-se feito tentativas de reconstituição, pela Antropologia e a Etnografia, destas culturas Pré-Colombianas, através de suas sociedades remanescentes, mas estas encontram-se, na maioria, no estágio final de desagregação sócio-cultural. Portanto, faz-se necessário que os dados de incalculável valor até agora obtidos - nem todos processados - precisem ser suplementados por outros, aqueles que tragam do passado informações novas que permitam revelar a origem da ocupação na região, assim como os processos envolvidos. E onde a Arqueologia entra, fornecendo esta suplementação, cuidando de arrancar à terra não só os implementos jazidos há séculos e outros testemunhos, trazendo assim, à luz do conhecimento informações essenciais e também coordenando a utilização de várias outras Ciências, em um esforço global de saber.

Desde o século passado, estudiosos dignos de elogios, interessados em Arqueologia vem desvendando fragmentos do passado do homem na Amazônia, todavia, além de terem sido em número reduzido, contavam com recursos limitados, de uma Ciência que então ainda não estava consolidada em suas bases filosóficas e metodológicas, associada a uma preocupação acentuada em colecionar peças, mais pela curiosidade artística em sua beleza extrínseca do que pelo seu valor representativo de uma cultura, e os resultados obtidos deixam muito a desejar. Já a partir da segunda metade deste século, cientistas melhor preparados vem realizando pesquisas muito satisfatórias, sob o ponto de vista da Ciência, mas em um ritmo que ainda não permite uma visão abrangente e segura, na Amazônia, da sua Pré-História. Por outro lado, muitas pesquisas arqueológicas foram realizadas por estudiosos de outros países ou mesmo brasileiros com financiamento do exterior e desta forma o material cultural recuperado termina por deixar o Brasil, ficando fora do alcance e do interesse do povo e empobrecendo o Patrimônio Cultural, em se tratando de bens únicos e insubstituíveis.

Neste quadro sombrio, a iniciativa inédita do Governo do Estado do Amazonas, através do Gabinete do Vice-Governador que presidia o Conselho Estadual de Defesa do Patrimônio Histórico e Artístico do Amazonas em patrocinar uma escavação arqueológica na cidade de Urucurituba constituiu um marco, por ter tomado a iniciativa de resguardar para as gerações vindouras um importante Patrimônio da Pré-História.

Do Sítio Arqueológico Urucurituba o que se pode adiantar é que parte dos artefatos pertencem à Subtradição Guarita, filiada à Tradição Policroma da Bacia Amazônica, com uma abrangência geográfica que vai desde alguns quilômetros a oeste de Manaus até a ilha de Marajó, com uma cronologia estabelecida de aproximadamente 1300 anos (90 a 1400 AD) - para a Subtradição Guarita. Segundo o arqueólogo Mário Simões, a classificação para as populações desta Cerâmica é a de agricultores subandinos, com uma horticultura intensiva, divisão de trabalho e maior complexidade cultural do que outros povos geograficamente próximos, o que implica em uma sociedade algo estratificada cujo clímax ocorreu na Fase Marajoara.

Em Urucurituba, foram escavados alguns milhares de fragmentos cerâmicos e alguns instrumentos líticos, e se as pesquisas de campo não esgotaram toda a potencialidade de informações deste Sítio Arqueológico, tornar-se-á possível, em breve, uma reconstituição suficientemente ampla daquela sociedade, tornando-se assim, mais um elemento para a configuração geral da Pré-História na Amazônia.

Fontes:

1. LATHRAP, Donald W. O Alto Amazonas. Lisboa, Verbo, 1975. (História Mundi, 40)
2. LOUREIRO, Antônio J. S. Amazônia 10000 anos. Manaus, Metro Cúbico, 1982
3. MAGGERS, Betty J. Amazônia: a ilusão de um paraíso. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977.
4. _____. América pré-histórica. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
5. ROCHA, Walter C. Considerações sobre uma peça arqueológica. A Notícia, Manaus, maio, 1983.
6. ROOSEVELT, Anna Curtenius. Parmana-Prehistoric Maiza and Manioc Subsistence along the Amazon and Orinoco. New York, Academic Press, 1980.
7. SIMÕES, Mário Ferreira. A pré-história da Bacia Amazônica; uma tentativa de reconstituição. In: Catálogo de Exposição Aspectos da Arqueologia Amazônica, a participação do IAB no PRONAPABA. Rio de Janeiro, IAB, 1981.
8. _____. Contribuição à arqueologia dos arredores do Baixo Rio Negro, Amazonas. In: Resultados Preliminares do 9. PRONAPA, 5 anos (1969/1970). Belém. Museu Paraense Emílio Goeldi, 1974, p. 155-88. (Publ. avulsas, 26).
10. SIMÕES, Mário Ferreira & COSTA, Fernanda Araújo. Áreas da Amazônia Legal Brasileira para pesquisa e cadastro de Sítios Arqueológicos. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, 1978 (Publ. avulsas, 30).

O Projeto para a CAMPANHA ARQUEOLÓGICA DO MUNICÍPIO DE URUCURITUBA (CAMUR I) foi iniciado após investigações "in loco" naquela localidade em 1982 levadas a efeito pela - então - COMISSÃO PERMANENTE DE DEFESA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO ESTADO DO AMAZONAS, após denúncias de que estaria ocorrendo destruição de Patrimônio Arqueológico Pré-histórico. Constatou-se a necessidade de realizar pesquisas urgentes. Para tanto foi obtida a autorização do SPHAN (SECRETARIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL), de acordo com o Art. 180. Cap. V da Constituição da República, através da Lei n.º 3924 de 26 de julho de 1961 - Art. 8.º, Cap. II.

Os trabalhos de campo do CAMUR I ocorreram entre 13 de Setembro e 2 de Outubro de 1983 e contou com o patrocínio do Conselho Estadual de Defesa do Patrimônio Histórico e Artístico do Amazonas, da SUFRAMA (FUNCOMIZ), ICOTI, ITERAM, SEPROR, IGHA e o inestimável apoio da Prefeitura Municipal de Urucurituba.

A equipe do GABINETE DO VICE-GOVERNADOR que atuou na organização e nas escavações é composta de: Bento Brasil, Edson da Silva Paula, Vera Turiel, Jane C. C. Cruz, Judith Guimarães Vieira, M^a Arminda Souza, Veralúcia Ferreira de Souza e Walter C. Rocha (coordenador), sendo Secretário o historiador Robério dos Santos Pereira Braga e Vice-governador o Dr. Paulo Pinto Nery.